



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE HISTÓRIA**

ERIKA VANESSA LISBOA ANDRADE

**“OS QUARENTA”: TRADIÇÃO E IDENTIDADE DE UMA COMUNIDADE
NEGRA NA CIDADE DE TRIUNFO-PB DA DÉCADA DE 1950 AOS DIAS
ATUAIS**

**CAJAZEIRAS/PB
2013**

ERIKA VANESSA LISBOA ANDRADE

**“OS QUARENTA”: TRADIÇÃO E IDENTIDADE DE UMA
COMUNIDADE NEGRA NA CIDADE DE TRIUNFO-PB DA DÉCADA DE
1950 AOS DIAS ATUAIS**

Monografia apresentada à Banca Examinadora do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), como exigência parcial para obtenção do grau de licenciatura em História.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Ceballos

**CAJAZEIRAS/PB
2013**

ERIKA VANESSA LISBOA ANDRADE

**“OS QUARENTA”: TRADIÇÃO E IDENTIDADE DE UMA
COMUNIDADE NEGRA NA CIDADE DE TRIUNFO-PB DA DÉCADA DE
1950 AOS DIAS ATUAIS**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rodrigo Ceballos
Orientador

Prof. Ms. Isamarc Gonçalves Lôbo
Membro Examinador

Prof^a. Dr^a. Ana Rita Uhle
Membro Examinador

Prof^a. Ms. Viviane Gomes de Ceballos
Membro Examinador
(Suplente)

**CAJAZEIRAS/PB
2013**

Dedico este trabalho a todos os membros da comunidade dos “Quarenta” de Triunfo-PB, a quem expresso o meu respeito. Eles sempre me acolheram e colaboraram com a minha pesquisa, possibilitando-me um grande crescimento humano.

AGRADECIMENTOS

À Deus onipotente, por ser o meu abrigo seguro nos momentos de desânimo, insegurança e ansiedade.

Ao meu pai, Luís Valdivino, que despertou em mim desde cedo o gosto pela história, ao me contar e recontar os “causos” de cangaceiros e outros mais, que me fascinavam e até hoje me fascinam.

À minha mãe, Josefa Andrade, maior mulher que conheço, grande responsável pela minha construção como pessoa. Foi ela que me transmitiu os valores necessários para encarar a vida, sempre me apoiou em todos os meus projetos, e o mais importante: nunca me deixou desistir.

Aos meus irmãos Ewerthon e Bruno, cada qual à sua maneira me fizeram acreditar na minha capacidade, me dando forças para continuar sempre.

Ao meu marido Nozicássio, que esteve presente ao meu lado desde a elaboração do Projeto desta monografia, trocando ideias, ouvindo lamentos, me oferecendo o ombro amigo e companheiro em todos os momentos que necessitei.

Aos meus amigos, que sempre me estimularam, acreditando em mim, até quando eu deixava de acreditar, me suportando até nos momentos que nem eu me suportava. Escutando atentos as intermináveis narrativas sobre o meu trabalho. Esses realmente são amigos de verdade.

À toda minha família, que sempre me deu forças para seguir em frente.

Ao meu orientador, Rodrigo Ceballos, que contribuiu imensamente para meu crescimento intelectual e pessoal durante a construção deste trabalho.

Aos meus colegas de graduação, que vivenciaram muitas dificuldades nos últimos cinco anos ao meu lado, mas também me proporcionaram momentos singulares, que estão gravados na memória.

Aos meus professores da graduação, que tiveram extrema importância no meu desenvolvimento intelectual e humano.

Ao senhor Adalto Pereira da Silva, e a toda comunidade dos Quarenta de Triunfo, aos quais dedico este trabalho, que sempre me acolheram de braços abertos durante toda a minha pesquisa, concedendo entrevistas e me disponibilizando todo o material que precisei.

À Fabinha, filha de Francisca Lopes da Silva (Dona Tindô), uma das “Quarenta”, que me ensinou a andar de bicicleta na infância, e desde cedo me fez entender que a cor da pele é simplesmente a cor da pele.

Por fim, agradeço a todos que de forma direta ou indireta tiveram a sua parcela de colaboração na minha formação acadêmica e pessoal.

RESUMO

Esta monografia é o resultado do estudo sobre a comunidade dos “Quarenta” de Triunfo (PB). Estudei como esse grupo formado por afrodescendentes inseriu-se socialmente na cidade sertaneja de Triunfo a partir da década de 1950, e tracei uma análise sobre a construção, criações e ressignificações da sua identidade no decorrer de seis décadas. Para se chegar ao resultado final desse estudo, efetuei entrevistas com membros da comunidade quilombola dos Quarenta e os dados transcritos foram submetidos à análise de conteúdo, servindo de instrumento para a realização deste trabalho. Também analisei discursos históricos locais que versam sobre a história já cristalizada de Triunfo. Estudei sobre a inserção da citada comunidade na cidade, analisando a festa do Menino Deus, padroeiro da cidade, principal manifestação religiosa do município que serviu de instrumento de inserção destes migrantes afrodescendentes em Triunfo.

Palavras-chave: História local; Religião; Comunidade Quilombola, Identidade.

LISTA DE IMAGENS

Imagem I - Centro de Triunfo da Segunda Metade do Século XX à atualidade	18
Imagem II - Festa do menino Deus – Triunfo-PB	24
Imagem III - Banda Cabaçal	40
Imagem IV – Dona Maria Eugênia, matriarca dos “Quarenta”/ Senhor Adalto Pereira, um dos moradores mais velhos.....	46
Imagem V – Praça dos “Quarenta”/Associação dos Quilombolas	52

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I - TRIUNFO: CIDADE E RELIGIOSIDADE	14
1.1 FESTA DO MENINO DEUS: TRADIÇÃO, FÉ E DISPUTAS.....	18
1.2 RELAÇÕES DE PODER NA FESTA DO MENINO DEUS	25
CAPÍTULO II - “OS QUARENTA”: TRADIÇÃO E IDENTIDADE	27
2.1 ZÉ DE MOURA: O MISTICISMO COMO REFERÊNCIA PARA O SERTANEJO	29
2.2 “OS QUARENTA”: CHEGADA DOS NEGROS A TRIUNFO	32
2.3 TRIUNFO, A NOVA CASA: ACOLHIDA E PRIMEIROS CONTATOS	34
2.4 RELAÇÃO DOS “NEGROS DOS QUARENTA” COM A IGREJA: A BANDA CABAÇAL COMO PONTO DE ENCONTRO.....	36
2.5 A CULTURA COMO MEIO DE INSERÇÃO NA SOCIEDADE	41
CAPÍTULO III - OS QUARENTA ATUALMENTE	43
3.2 BANDA CABAÇAL: UMA ANÁLISE ATUAL	46
3.3 ASSOCIAÇÃO DOS QUILOMBOLAS: TENTATIVA DE CONSTITUIÇÃO DE UMA NOVA IDENTIDADE PARA “OS QUARENTA” EM TRIUNFO - PB.....	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55

INTRODUÇÃO

Para os antropólogos, cultura é o modo de vida de uma sociedade, e é constituída de elementos que não são estáticos. Alguns deles são adaptáveis às características de uma determinada área (THORNTON, 2004, p.280). Sendo assim é importante quando se trata do estudo da cultura de uma sociedade, atentarmos para a observação do dinamismo do processo cultural.

A cidade de Triunfo, no interior da Paraíba possui uma grande manifestação cultural ligada à religiosidade, que envolve praticamente toda a comunidade local. De acordo com dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), 90% da população triunfense declara-se Católica Apostólica Romana. O ponto máximo da manifestação religiosa em Triunfo é a festa do seu padroeiro: o Menino Deus.

Essa manifestação religiosa que teve início ainda no século XIX passou por várias recriações e ressignificações. Uma delas ocorreu a partir de 1953, quando chegaram a Triunfo uma comunidade afrodescendente vinda da cidade de Pombal, também no estado da Paraíba. Os migrantes pertenciam às famílias Pereira da Silva e Lopes, e vieram para Triunfo depois de desentendimentos familiares em Pombal.

O grupo ficou conhecido como os negros dos “Quarenta”, recebendo esse nome devido à quantidade inicial de pessoas que aportaram em solo triunfense. Eles trouxeram consigo suas manifestações culturais, e logo trataram de apresentá-las aos moradores. Formaram um grupo musical: a Banda Cabaçal, que veio a constituir-se como importante ponto para a construção da identidade deles em Triunfo, e conseqüentemente da própria cidade. Essa Banda passou a se apresentar na festa do padroeiro incorporando sua tradição à localidade.

Com o batuque da Banda Cabaçal, tradição herdada dos mais velhos, a nova comunidade de negros abrilhantou a festa do Menino Deus, que acontece

todos os anos na segunda quinzena do mês de dezembro. A atuação da Banda Cabaçal tornou-se constante nas festividades do padroeiro.

É em torno desse grupo de afrodescendentes que gira a minha pesquisa. A temática abordada nesse trabalho possui como ponto principal, levantar a discussão de como se deu a inserção sócio/cultural dos “Quarenta” na comunidade triunfense.

A religiosidade teve grande importância nesse processo, sendo facilitadora dessa inserção. De acordo com os estudos históricos elaborados sobre o município, assim como os relatos orais de moradores locais mais antigos, essa manifestação religiosa local foi enraizada ainda no século XIX, mais especificamente na sua segunda metade.

Conta-se que diante de uma epidemia de cólera que rodeava a região no período, um beato conhecido por Caboclo Manoel Bernardo, prometeu que se a doença não atingisse o lugarejo, ele ergueria uma capela em honra ao menino Deus, celebrando todos os anos o seu novenário.

Essa construção imagética da cidade coloca Triunfo como um lugar sagrado, que não fora atingido pela epidemia por que o Menino Deus não permitiu. A partir da promessa de Caboclo, que se tornara uma figura folclórica local, e que possui grande importância na construção mítica do triunfo alcançado, iniciou-se a devoção ao Menino Deus, construindo uma imagem idílica da cidade que atrai devotos vindos de toda a região para a sua festa.

Triunfo é uma cidade territorialmente e demograficamente pequena. Possui uma área territorial de 219,866 Km², com uma população de 9.220 pessoas, o que leva a uma densidade demográfica de 41,93 hab. por Km², segundo dados do IBGE¹.

Antes pertencente ao município de Antenor Navarro, hoje São João do Rio do Peixe, Triunfo tornou-se Distrito no ano de 1957, por meio da lei nº 145, sancionada em 24 de junho. O município emancipou-se politicamente no dia 22

¹ Dados retirados de <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/link.php?codmun=251680>.

de dezembro de 1961, sendo a publicação feita no Diário Oficial do Estado. O seu batismo oficial de Triunfo, deu-se no dia 28 do mesmo mês por meio do Termo de Instalação².

A finalidade deste trabalho é justamente analisar o grupo dos “Quarenta”, que chegaram a Triunfo oito anos antes da sua emancipação política, presenciando e participando do processo que levou à independência política da cidade. Discutirei no decorrer do trabalho como ocorreu a criação da identidade desse grupo dentro da cidade de Triunfo, e como ela foi sendo ressignificada no decorrer de seis décadas.

O recorte espacial a ser utilizado é a cidade de Triunfo a partir do início da década de 1950, época da chegada dos negros dos Quarenta. Analiso os desdobramentos ocorridos num local que passou a possuir uma população considerada etnicamente e culturalmente diversificada.

Há alguns trabalhos contendo os discursos que constroem a história do município e por mim utilizados nessa monografia. O livro “O Triunfo em Picadas e o fim da Confederação do Equador”, de Antônio Aurélio Cassiano de Andrade, publicado em 2008 pela EDUFCEG, nos apresenta uma síntese histórica na cidade com enfoque na Confederação do Equador, movimento revolucionário que ocorreu em 1824, que objetivava a criação de um Estado Confederado no Nordeste do Brasil, englobando as Províncias de Pernambuco, Paraíba, Ceará e Rio Grande do Norte, constituindo-se uma reação ao absolutismo e a política centralizadora estabelecida com a primeira Constituição do país, executada por Dom Pedro I.

Uma das batalhas da Confederação ocorreu em solo triunfense. A Batalha de Picadas como ficou conhecida, constituiu um importante embate para o desfecho do movimento, sendo ainda narrada pelos mais velhos que escutaram estas histórias de seus pais e avós. Esta “guerra dos patriotas”, o combate dos legalistas contra os separatistas, foi contado muitas vezes na cidade.

² Dados retirados do Artigo: Gestação e nascimento de nossa emancipação.

Para corroborar as histórias contadas e recontadas, foram trazidos à tona textos quase esquecidos de Rosilda Cartaxo (1975). Esses textos surgiram como fatos impressos e documentados, levando as histórias contadas a fazerem parte do oficialato.

Esses fatos ocorridos no início do século XIX serviram de base para o reconhecimento histórico do município de Triunfo. Segundo os discursos históricos locais, o “triunfo” dos imperialistas teve influência na elaboração do nome da cidade. No entanto, o resultado da Batalha, não foi a única influência na construção de um nome para a localidade.

Na segunda metade do século XIX ocorre o fato que colocaria Triunfo como lugar do sagrado: a promessa do Caboclo Manoel Bernardo. O “triunfo” contra a cólera transforma o lugar da Batalha e das mortes em um lugar de salvação. Triunfo constrói-se a partir da promessa do Caboclo como o lugar do sagrado.

Outro texto utilizado no trabalho, e que versa mais detalhadamente sobre a temática da minha pesquisa, foi o trabalho de conclusão da graduação em História de José Valdenor Manguieira Lisboa, pela Universidade Federal da Paraíba em fevereiro de 1994: “O surgimento do negro e sua importância no desenvolvimento socioeconômico de Triunfo-PB”, que teve sua pesquisa efetuada junto à comunidade negra da cidade de Triunfo. O trabalho do historiador local enfoca principalmente a contribuição dos negros dos “Quarenta” no desenvolvimento da economia triunfense.

O objetivo principal deste trabalho monográfico é propor uma análise a respeito da maneira pela qual uma pequena comunidade negra constrói sua identidade e saberes, assim como, analisar a sua participação na estrutura social, religiosa e cultural da localidade.

Devido à escassez de fontes escrita, e instigada pela oportunidade de participar mais de perto da história do grupo estudado, optei pelo uso de relatos orais de membros dos Quarenta, para estudar a construção da identidade dos mesmos.

Para desenvolver a minha pesquisa, utilizei-me da história oral, que é sempre uma história do tempo presente sobre o homem e a mulher no tempo passado e no espaço. A história oral pode ser vista como uma forma de pensar a sociedade contemporânea. Buscam-se as percepções da vida social valendo-se da memória, estabelecendo vínculos com a identidade das comunidades entrevistadas. Há certa polêmica em torno da aceitação da história oral. Sobre isso, Meihy e Holanda alegam que:

Considerando que história oral é um processo em movimento e levando em conta a carga polêmica que pesa sobre sua aceitação, é preciso pensar nas fragilidades conceituais de suas características. Isso, contudo, não invalida o esforço de definições. Pelo contrário potencializa as alternativas de pensá-las, pois convidam a posicionamentos. (Meihy e Holanda, 2007. p. 17).

O presente trabalho está organizado da seguinte forma: o primeiro capítulo intitulado de: “Triunfo: Cidade e Religiosidade” vem tratar de uma breve apresentação da cidade, com enfoque maior na construção imagética da cidade por meio da religiosidade.

O segundo capítulo: “Os Quarenta: tradição e identidade” trata se de uma análise mais aprofundada sobre a comunidade dos Quarenta, estabelecida em Triunfo em meados do século XX, discutindo como se deu a construção da identidade desse grupo na cidade.

Para concluir o trabalho, o terceiro capítulo: “Os Quarenta atualmente” busca traçar um quadro contemporâneo de como se encontra a comunidade. Dificuldades enfrentadas, e a busca por soluções na atualidade, focando a tentativa de reconstrução da identidade dos Quarenta por meio da Associação dos Quilombolas.

CAPÍTULO I

TRIUNFO: CIDADE E RELIGIOSIDADE

Pequena cidade localizada no interior da Paraíba, Triunfo teve sua história interligada com a religiosidade do seu povo que mantém grande devoção ao seu padroeiro o Menino Deus, desde meados do século XIX.

Essa tradição, segundo relatos orais de moradores, tem suas raízes arraigadas a uma promessa feita por um beato: o Caboclo Manoel Bernardo, que prometera construir uma capela para a devoção ao Menino Deus, se a epidemia de cólera que assolava a região não atingisse o povoado de Triunfo. Dava-se início assim a devoção dos triunfenses ao Menino Deus, que se tornou o padroeiro da cidade.

Sobre a epidemia de cólera que assolou a região, Rosilda Cartaxo em seu livro “Estrada das Boiadas” (1975) nos apresenta relatos, que constituem indícios de que a epidemia realmente circulava o lugarejo na época.

Temendo que a doença chegasse a atingir o povoado, Caboclo Manoel Bernardo recorre ao Menino Deus, e faz uma promessa para que a localidade não testemunhasse um acontecimento lastimoso provocado pela cólera.

Segundo relatos de moradores locais, a promessa do Caboclo consistia em evitar que a doença atingisse o pequeno povoado, sendo assim, ele ergueria em agradecimento, uma capela em honra ao Menino Deus, celebrando sua festa todos os anos na segunda quinzena de dezembro com novenário, fogos e festejos.

A graça do Caboclo foi alcançada, o lugarejo não foi acometido pela epidemia de cólera. Sendo assim, o Caboclo Manoel foi cumprir a sua promessa. Saiu pelas redondezas a pedir esmolas, levantando fundos para a construção da capela que foi de imediato iniciada. Juntamente com o início da construção da capela aproximadamente em 1864, começou-se também a devoção ao Menino Deus que perdura até hoje. Depois da capela construída,

foram surgindo a sua volta, residências e prédios comerciais que hoje constituem o centro de Triunfo. Assim começou a edificar-se a área central da cidade.

Sobre o Caboclo Manoel Bernardo, não se sabe ao certo quem era, de onde vinha, seus laços familiares. Até hoje não foram encontrados registros concretos de sua passagem pelo sertão. Mas uma coisa é incontestável: a história da construção de Triunfo por meio da religiosidade fora cristalizada por meio da história dele.

O Caboclo fora o instrumento místico para a construção imagética da cidade de Triunfo. A promessa feita por ele colocou o lugarejo como um lugar da salvação, lugar em que a epidemia que assolava a região não atingiu.

A cosmogonia do sertanejo do século XIX traz a necessidade de um referencial que o faça compreender a sua salvação e a salvação dos seus. Se um místico faz uma promessa e ela é alcançada, livrando o seu lugar de morada de uma epidemia, é um sinal divino.

É essa construção idílica de Triunfo que coloca o Caboclo Manoel Bernardo como o condutor da salvação, que veio por meio de sua promessa. O Caboclo sacraliza a história de Triunfo. Essa construção imagética torna-se uma construção sagrada, transformando o lugarejo em um lugar de salvação da cólera.

Ainda seguindo a cosmogonia do sertanejo do século XIX, uma promessa feita e alcançada como a que se narrara acima, era motivo para se render agradecimento perpétuo, pois ele compreendia a importância de Deus na sua vida. Foi essa história de fé e milagre, contada a todos que chegavam ao lugarejo, inclusive aos migrantes de Pombal, que logo os fez passar a partilhar do cumprimento dessa promessa, festejando também eles ao Deus Menino.

Essa construção mítica da cidade fora cristalizada por discursos produzidos por moradores e historiadores locais, que reforçaram essa

construção ao longo de mais de um século e meio, constituindo a identidade religiosa e do lugar.

A promessa feita pelo Caboclo Manoel Bernardo em meados do século XIX trouxe consigo o início do novenário e de todos os festejos em honra ao Menino Deus, celebrando o seu Natal. O Caboclo teve grande atuação na criação dessa identidade religiosa no pequeno povoado, caracterizada pela devoção adquirida em relação ao Menino Deus.

Todos os anos devotos reúnem-se, na segunda quinzena de dezembro, em Triunfo para cumprir a promessa feita. Triunfenses, filhos da cidade que residem fora, pessoas de regiões vizinhas e de regiões distantes compõem o quadro de devotos do “Menino”, carregando em si a esperança da salvação trazida pela promessa do Caboclo ainda em meados do século XIX.

Na primeira metade do século XX, Triunfo era apenas um povoado ainda pertencente ao município de Antenor Navarro, hoje São João do Rio do Peixe.

Em meados do século XX, Triunfo recebeu uma significativa leva de migrantes vindos da cidade de Pombal, município do mesmo estado paraibano, em busca de melhores condições de vida. Eram afro descendentes, e até então, segundo relatos dos moradores do lugarejo que conviveram com a chegada dos chamados “negros dos Quarenta”, não se tinha registro da passagem de uma coletividade de afrodescendentes no local. Várias famílias vieram buscar abrigo na cidade, contribuindo com a formação de uma população etnicamente diversificada, que traria novos aspectos culturais à localidade.

A religiosidade sempre foi um ponto de destaque dentro da sociedade triunfense, compondo uma marca que se cristalizara cada vez mais com o passar do tempo. Acolhidos, os Quarenta, como ficou conhecido o grupo de migrantes vindos de Pombal, logo se tornaram adeptos ao tradicionalismo gerado em torno da construção mítica que levou a devoção ao Menino Deus. Os Quarenta, além de se incorporarem a tradição local, passaram a fazer parte dela, trazendo novas práticas culturais para os triunfenses.

Como era comum às localidades sertanejas de meados do século XX, quando da chegada dos “negros dos Quarenta” a Triunfo, a agricultura era uma atividade que servia de base para o crescimento dos lugarejos. Triunfo não era exceção. Ainda povoado, as atividades agrícolas representavam muito para os moradores locais.

Hoje, o município não tem mais sua base na agricultura, que outrora fora responsável por grande desenvolvimento local. A prática da agricultura atualmente serve em grande parte para a subsistência, movimentando pouco o comércio, diferentemente de meados do século XX, onde houve um considerável equilíbrio econômico e um investimento substancial na produção agrícola, expandindo-a e colhendo os lucros provenientes principalmente do algodão, naquela que era conhecida como a era do “ouro branco”. Este “tesouro” era embalado pela boa quadra invernososa que estabeleceu-se na região desde meados da década de 1940, como nos mostra o historiador local José Valdenor Manguieira, pesquisador dos aspectos econômicos triunfenses da época, em seu trabalho: “ O surgimento do negro e sua importância no desenvolvimento socioeconômico de Triunfo-PB”.³

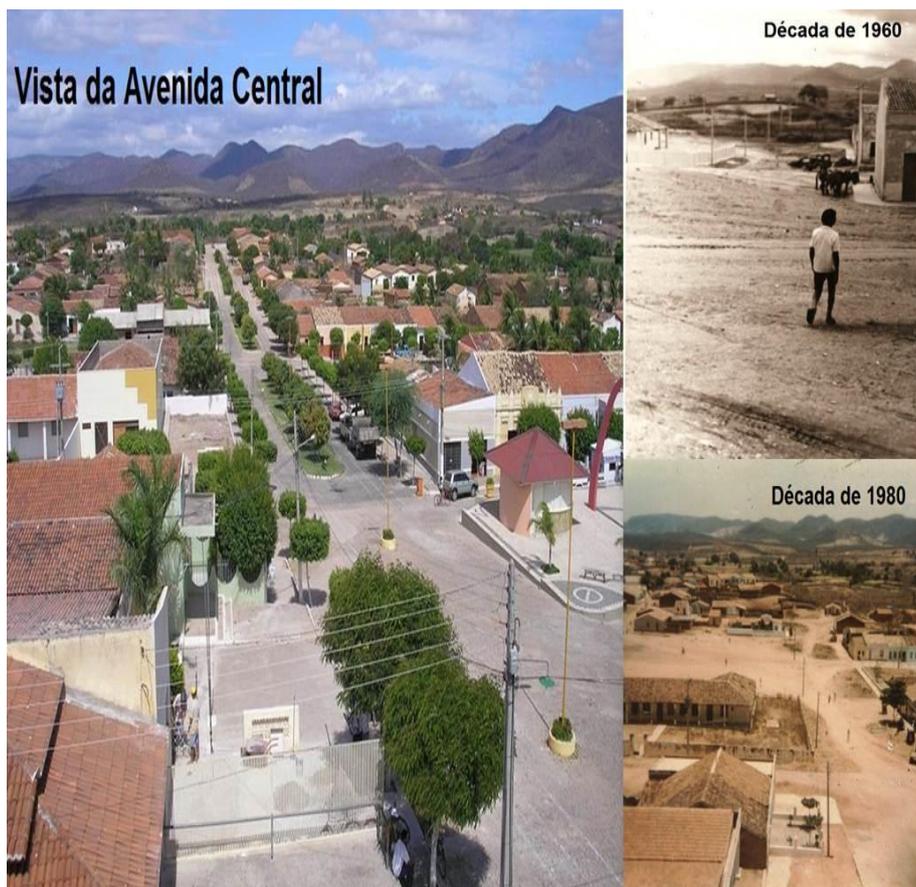
Com um considerável aumento na produção agrícola na metade do século XX, houve a necessidade de mão de obra disponível que possibilitasse o crescimento. É nesse contexto que se inserem os migrantes que aqui chegaram, e logo contribuíram para o suprimento da falta de mão de obra, constituindo assim um impulso para o crescimento econômico local.

Vale salientar que ainda hoje se registra, no que diz respeito à produção agrícola, a existência de moradores e meeiros, o que nos lembra a lógica do latifúndio, que constituía grande parte da estrutura agrária do município quando da era do “ouro branco”.

³ LISBOA, José Valdenor Manguieira. **O Surgimento do negro e sua importância no desenvolvimento socioeconômico de Triunfo - PB**. Trabalho de Monografia de conclusão de curso de Licenciatura Plena em História. Cajazeiras, UFPB, 1994.

Os “Quarenta” trouxeram consigo, além de seus braços para a lavoura e para as casas de família, a sua espontaneidade expressa na Banda que eles montaram para manifestar sua cultura, integrando-a a localidade. Em um pequeno lugarejo sertanejo na época, manifestações como essas levavam a diversão ao povo e eram bem acolhidas por muitos.

Centro de Triunfo da Segunda Metade do Século XX à atualidade⁴.



1.1 FESTA DO MENINO DEUS: TRADIÇÃO, FÉ E DISPUTAS

O ponto mais forte da expressão de fé e religiosidade em Triunfo é a Festa do padroeiro. São esses momentos de devoção intensa, iniciados com a construção mística vinda com promessa que evitara a cólera, que constituem o

⁴ Fotografias cedidas pelo historiador local Antônio Aurélio Cassiano de Andrade.

maior traço de identidade religiosa do povo triunfense. Identidade essa, que é incorporada também por muitos que chegam à cidade em época de festa do padroeiro.

As comemorações relativas ao nascimento do Menino Deus tem suas raízes em épocas mais remotas no mundo inteiro:

Os autos e cheganças da noite de Natal remontam ao alvorecer da Idade Média, época em que os natais-produções em verso destinadas a celebrar o nascimento de Jesus, confundiam-se com as composições sagradas; e em que os trovadores e menestrelis, seguindo as procissões solenes, os iam exhibir nas lapinhas, em visita ao Messias no presépio de Belém. (MORAIS FILHO, 2002, p.63)

As homenagens também eram rendidas ao Menino Deus na Europa, como nos relata Martha Abreu em seu livro “O Império do Divino” (1999):

No caso das festas de Reis, registra Câmara Cascudo que eram realizadas em toda a Europa, comemorando a visita dos três Reis Magos ao menino Deus na tarde ou noite de 5 de janeiro. Era a época de se dar ou receber presentes [...] (ABREU, 1999, p.210)

Os louvores apresentados ao Deus Menino, quando do seu nascimento, são expressos de formas variadas. Essas representações chegaram ao nosso país na época da colonização.

Tais costumes, até a primeira metade deste século, refletiram seu caráter antigo na música popular da Espanha e de Portugal, passando-se deste último país para o Brasil com as primitivas levadas colonizadoras. (MORAIS FILHO, 2002, p. 64)

A criação de um Triunfo idílico após a promessa do Beato ainda no século XIX, com o passar do tempo veio a compor uma grande festa religiosa e

popular. Essa festa que já perdura há praticamente um século e meio passou por algumas recriações e reapropriações. E através dela, a coletividade e a época em que aconteceram podem ser mais bem conhecidas.

Um fato incontestável a respeito da festa do Menino Deus em Triunfo é o poder de se impor uma cor para a cidade. O róseo, cor da vestimenta da pequena imagem do padroeiro, é predominante na cidade durante todo o mês de dezembro, sendo intensificado durante as festividades alusivas ao “Menino”.

O povo se veste de róseo numa tradição sem igual, homens, mulheres, crianças, todos aderem ao róseo. A pequena imagem do Deus Menino vestido de róseo transformou-se em um símbolo digno de respeito e reverência por parte dos devotos.

[...] é forte a tendência de se considerar a festa no Brasil [...] como o local do encontro, mistura e comunhão entre todas as etnias e classes sociais [...] as imagens da festa associadas à marca de um povo são constantemente veiculadas e acionadas em diferentes espaços sociais da cidade [...] (ABREU, 1999, p.129).

A festa do Menino Deus é um lugar de encontro de toda a comunidade religiosa local e dos devotos que vem de várias partes do país, lugar onde todos se congregam em torno da devoção e da fé. Pertencentes a classes sociais diferentes, a etnias distintas, brancos, negros, todos se sentem parte daquele universo construído na segunda quinzena de dezembro de todos os anos.

Foi esse universo construído em torno da festa do “Menino”, principal ponto identitário da religiosidade em Triunfo, que se constituiu um ponto de acolhimento para as práticas culturais dos “negros dos Quarenta”, pois quando estes chegaram à cidade, passaram a incorporar sua cultura com a devoção local. Benefícios estes, da dinâmica cultural, que possibilitam a incorporação de novas práticas que vem a unir-se com as já existentes.

Novos hábitos vão surgindo com o passar dos anos, no entanto, muitos traços são mantidos e transmitidos de geração a geração. A cor oficial da festa que já vestiu várias gerações de devotos continua a possuir a mesma simbologia, sendo com o passar do tempo ressignificada por cada geração. Os benditos, ladainhas, novenário, procissões, passaram por algumas adaptações à luz de cada época, mas ainda permanecem como símbolo de identidade, preservando em si a riqueza do que se tornou popular. Entre algumas das recriações da festa está a procissão do ramo que é acompanhada pelo batuque da Banda Cabaçal dos “negros dos Quarenta”. Esta, entretanto, constitui-se também hoje, como um símbolo identitário.

Através de uma referência do folclorista Renato Almeida, consegui entender um pouco melhor qual a grande preocupação com os benditos. Segundo o autor, era inestimável a riqueza das orações dos benditos e ladainhas no Brasil do passado, apesar de sua origem erudita. Na verdade, a participação da população nestas orações era muito mais para adaptá-las e deformá-las, em função de sua livre tradução [...] (ABREU, 1999, p.256).

A festa do Menino Deus, construída miticamente no século XIX, possuindo como símbolo fundador o Caboclo Manoel Bernardo, tem a sua memória cristalizada até os dias atuais.

A Festa inicia-se ao despontar o dia quinze de dezembro, com a expectativa pela procissão de abertura, que conduz a bandeira do Deus Menino até o patamar da Igreja Matriz, onde é hasteada, decretando assim o início do período de festividades.

Bandeira hasteada, povo em festa, todos a observam subir atentamente. Cada um com suas crendices, superstições que perduram por gerações, como por exemplo, se a bandeira subir aberta, o inverno será farto no ano seguinte, já se ela subir enrolada pode-se preparar para um ano sem muita chuva. Há um universo imagético construído em torno da festa do Menino Deus, onde todos os detalhes possuem um sentido próprio. A sabedoria popular é um ponto que prevalece.

Durante as nove noites seguintes é celebrado o novenário solene rendendo honras e agradecimentos ao padroeiro, cumprindo o prometido pelo Caboclo, com fogos, festejos, quermesses, e desde meados do século XX com a Banda Cabaçal. O hino do padroeiro, com letra e música de João Filho Gomes Torres, filho da cidade, reflete bem o Triunfo em época de festa do “Menino”:

Todo ano em Triunfo se faz uma nova Belém
 O que fizeram os Reis Magos o povo aqui faz também
 A gruta é distante, mas logo se acende uma estrela
 Famílias vem vindo ansiosas, felizes pra vê-la

Brilhou diferente uma estrela, o que anunciam os sinos
 É o Natal que vem vindo, salve o Deus Menino

Com o patrono Menino Deus, que festa linda é
 No rosto do povo apresenta-se a mais bela fé
 Que festa, que alegria ao ver uma luz
 Anunciar para o mundo a chegada do Cristo Jesus

**Caboclo fizeste esta festa ser viva em Deus
 Tua fé foi posta num Menino e a doença venceu
 Vivamos a fé que tiveste em Deus nosso pai
 E assim o Triunfo de todos venha triunfar**

Ao senhor Deus Menino, nossa Igreja dá glória
 Glória ao mais alto dos céus, por tão bonita vitória.

O ambiente descrito poeticamente pelo autor lança para os fieis um breve histórico sobre a devoção estabelecida ao Menino Deus.

A terceira estrofe, em destaque, evidencia justamente a construção mítica do “triunfo” do divino. Foi o Caboclo que fez essa festa ser viva em

Deus, por meio de sua promessa. A festa constrói-se sobre a égide do idílico, do lugar ideal, do local onde a importância de Deus é compreendida pelos fieis, que comemoram a salvação vinda com a promessa do caboclo.

“Tua fé foi posta num menino e a doença venceu”. O compositor do Hino enfatiza mais uma vez o “triunfo” por meio da fé. A construção da ideia de vitória sobre a epidemia se dá através do divino.

A tradicional procissão do ramo ocorre por gerações na parte final da novena, onde ramos de flores são carregados solenemente até o altar do Menino Deus. Essa procissão é acompanhada pelo batuque da Banda Cabaçal, que desde o início da década de 1950 incorporou sua cultura à nossa, e passou a abrilhantar a festa. Essa Banda é composta em sua maior parte por afrodescendentes remanescentes de um quilombo da cidade de Pombal na Paraíba, que vieram para Triunfo em 1953.

A Banda Cabaçal integrou-se de tal forma a Festa do padroeiro que todos sentem falta do grupo, quando este por algum motivo não se apresenta. Eles estão imbuídos e, ao mesmo tempo, são elementos construtores da identidade da festa. Hoje, muitos não conseguem pensar a festa do Menino Deus, dissociada da Banda Cabaçal. Ela tornou-se um símbolo indiscutível das manifestações em honra ao Deus Menino, onde os negros demonstram a sua adesão e respeito à Igreja e ao seu padroeiro. Mas essa é uma história que trataremos mais adiante, no próximo capítulo.

O universo da Festa do Menino Deus também é composto por um elemento que passou a denotar um sentido de festa à cidade: os fogos de artifício. Logo cedo o foguetório já anuncia o clima de festividade estabelecido na cidade. Alguns fogos surgem durante a celebração das novenas, mas é ao seu final que as pessoas param pra os ver explodirem no ar.

Durante décadas, o foguetório era produzido artesanalmente pelos fogueteiros da cidade. Com o passar dos anos, os fogos foram se sofisticando e ainda atraem os olhares de muita gente após as novenas. O foguetório é mantido pelos membros das famílias que são homenageadas a cada dia durante o novenário.

As quermesses são realizadas durante praticamente todos os dias do novenário com barracas, leilões de prendas e música. Nesse ambiente, a comunidade se confraterniza, gerando renda em favor da Matriz. Empresários, comerciantes locais, filhos da terra, todos participam dessa parte de geração de renda da festa.

A festa encerra-se no entardecer do dia vinte e cinco de dezembro com uma procissão, onde a imagem do pequeno grande padroeiro é carregada em um andor pelas ruas da cidade.

Festa do menino Deus – Triunfo-PB⁵



⁵ Fotografias cedidas pelo historiador local Antônio Aurélio Cassiano de Andrade.

1.2 RELAÇÕES DE PODER NA FESTA DO MENINO DEUS

Analisando a festa do Menino Deus por outro ângulo percebe-se um traço interessante ligado às disputas entre os noitários, e até dentro das próprias famílias. Cada noite do novenário é dedicada a diferentes famílias do município, sendo estas responsáveis pelo foguetório, assim como de angariar recursos para a igreja. Esse grupo de famílias que constituem os “noitários” da festa responsabiliza-se, em parte, pela sua organização. Com a chegada dos Quarenta, a família Pereira, a qual pertence a grande maioria dos migrantes pombalenses, também passa a fazer parte do cenário de disputas dos noitários na Festa do padroeiro.

No encerramento da festa, acontece a cerimônia de coroação da imagem do Deus menino, que é feita por representantes daquela noite onde as famílias e movimentos religiosos conseguiram arrecadar mais dinheiro. No dia anterior à coroação realiza-se uma espécie de apuração dos envelopes contendo as doações daqueles noitários para a Igreja, sendo listados e anunciados à comunidade aqueles que conseguiram fazer a maior doação.

No período do novenário, após a celebração religiosa, durante o foguetório, é comum ouvir dos fieis espectadores, comentários do tipo: de quem é à noite hoje? Hoje tem muitos fogos. Só podia ser a noite de uma família tradicional. As famílias mais aquinhoadas procuram mostrar seu *status* na quantidade e sofisticação do foguetório.

Durante muito tempo, os fogueteiros mais velhos da cidade construíam engenhocas para abrilhantar a queima de fogos como a famosa roda de fogo, que atraía para si toda a atenção dos devotos que a olhavam atentamente, já que sabiam que não eram todas as noites que haveria tal espetáculo, uma vez que a roda e os fogos mais intensos e sofisticados custavam caro, e só as famílias de posse poderiam apresentá-los nas noites em que o novenário era dedicado a elas.

A procissão do Ramo, momento solene e tradicional do novenário, também possui as suas disputas internas. As famílias homenageadas em cada

noite são incumbidas de eleger os carregadores do ramo, aqueles que irão conduzir os ramos até o altar do Menino Deus. É justamente na escolha daquele ou daquela que vai conduzir o ramo que reside a tal disputa. Geralmente as famílias tradicionais têm muitas ramificações, e possuem uma parte que consegue um destaque maior do que a outra, sendo assim o carregador do ramo geralmente é eleito entre aquela parte da família que consegue, de uma forma ou de outra, maior destaque.

Outras famílias fazem acordos entre si para a escolha de quem irá ser o condutor do ramo. Em entrevista com Ana Isabel Rosendo Martins, pertencente a tradicional família Rosendo, que já foi condutora do ramo há aproximadamente duas décadas, ela nos mostra como ocorria essa escolha dentro da sua família.

Segundo a entrevistada, as crianças escolhidas tinham que ter entre quatro e dez anos, podendo ser duas, uma menina para conduzir o ramo e um menino para conduzir uma vela. Essas crianças eram escolhidas um ano antes, fazendo-se uma espécie de revezamento entre as crianças que possuíam essa faixa etária na família.

Vale salientar, a preocupação dos membros mais velhos da família em relação à manutenção dessa tradição, solicitando dos seus filhos que não deixem essa tradição que perdura por gerações acabar.

No desenrolar de quase um século e meio de tradição, fé, devoção e disputas, a Festa do Menino Deus continua sendo um ícone de expressão da identidade dos triunfenses, que com suas relações, sejam elas de que natureza for, continua sendo atrativo para aqueles filhos da terra que moram nas diversas regiões do Brasil, assim como para aqueles que querem conhecer um pouco da nossa história.

CAPÍTULO II

“OS QUARENTA”: TRADIÇÃO E IDENTIDADE

No início da década de 1950 chegou a Triunfo um número considerável de migrantes afrodescendentes pertencentes a uma mesma família, vindos da comunidade Mãe d'Água, localizada na cidade de Pombal também no estado da Paraíba. Sobre o motivo de tal migração, há relatos dos membros da família de querelas familiares ocorridas no lugarejo de onde vieram. Devido a essas divergências, houve o rompimento da família. Parte dela achou por bem mudar-se para um lugar onde pudessem viver em paz, começando uma nova vida. Sendo assim, parte da família Pereira da Silva e Lopes iniciou sua busca por um novo lugar de moradia.

Os mais velhos integrantes dos Quarenta possuem certo receio em narrar o que realmente ocorreu em Mãe D'água, pois ainda guardam marcas oriundas dos conflitos familiares e não gostam de trazer à tona aqueles fatos que de certa forma marcaram negativamente as suas vidas. Resumem a situação simplesmente confirmando a impossibilidade de permanecer no local. Ilsa Ilda da Conceição, filha de um dos pioneiros dos “Quarenta” que vivenciou o episódio em Pombal, adjetiva o ocorrido de “guerra”, que teve início pequeno e depois foi tomando proporções maiores até que chegou ao ponto da família não poder mais conviver pacificamente em Mãe D'água.

O escritor pombalense Wilson Seixas, em sua obra “O Velho Arraial de Piranhas” (1961), apresenta um fato ocorrido em Mãe d'Água no final da década de 1940, justamente pouco tempo antes dos Quarenta saírem de lá em busca de uma nova morada.

Os personagens descritos por Seixas no seu trabalho possuem o sobrenome comum à maioria dos Quarenta, salientando também que a temporalidade do fato ocorrido em Mãe d'Água também coincide com a época das querelas familiares narradas pelos Quarenta.

O escritor pombalense narra o que ele intitula de: “Um Caso de Psicose Coletiva”.

O caso que vamos referir se passou no sítio denominado “Mãe d’Água”, deste termo. Gabriel Cândido de Carvalho, aproveitando do fanatismo religioso latente e a ignorância entre os habitantes daquela fazenda, organizou ali uma seita, que intitulou “Irmandade dos Espíritos da Luz”, por ele chefiada e tendo como acólito Floriano Pereira da Silva. Os membros da irmandade faziam constantes reuniões, quando se davam a prática do baixo espiritismo, rezavam orações e cantavam benditos. (SEIXAS, 1961, p. 434, 435.)

Esse tema levantado por Seixas nos apresenta o cenário no qual conviviam aqueles que iriam mudar-se para Triunfo no início da década de 1950. Essa seita citada por Seixas é desconhecida por muitos. Os Quarenta, ainda marcados pelo sofrimento de Mãe D’Água, nunca contam essa parte da história para ninguém. O acólito da irmandade possui o mesmo sobrenome de alguns dos membros mais velhos dos Quarenta que chegaram a Triunfo, como o Sr. Aprígio *Pereira da Silva* e o Sr. Adauto *Pereira da Silva*, entre tantos outros. Repetir essa história não facilitaria a criação de uma nova identidade na cidade para qual iriam se mudar.

Além do fato da existência dessa Irmandade em Pombal, é importante destacar que na comunidade Mãe d’Água havia uma questão de terras que trazia divergências entre famílias locais. Certo dia, com o pretexto de liquidar os “inimigos” da irmandade, que eram considerados ateus, iniciou-se uma leva de conflitos e agressões no lugarejo. Segundo o escritor pombalense, o conflito se deu no dia 22 de Janeiro de 1949, e suas razões não eram difíceis de serem definidas.

Não era uma questão religiosa que estava em jogo. Era uma questão de terra, que já durava muito e precisava ser resolvida de qualquer modo, e, se necessário, com o sacrifício de todos. (SEIXAS, 1961, p.436)

Após optarem pela saída do lugarejo, surgiu um novo problema: onde seria a nova “casa”? Aquela que traria a tão almejada paz? Buscava-se um lugar longe das querelas familiares, onde a luta pela sobrevivência já seria suficiente: melhores condições para se viver era o objetivo. O próximo passo seria então consultar alguém que pudesse indicar o rumo a ser tomado pelos negros da família Pereira.

Essa busca levou os negros a se depararem com Zé de Moura, rezador e conselheiro de grande conhecimento no Sertão paraibano e fora dele. Conhecedores da sua fama de conselheiro, os pombalenses foram buscar através dele, o rumo a ser tomado pela família. O senhor Adalto Pereira da Silva, um dos negros que vieram de Pombal, em uma de suas entrevistas atesta o respeito atribuído a Zé de Moura: “Foi, ele era um home de posição, conhecia toda a história, era um home sabido, aí ele indicou nós pra vi morar aqui em Triunfo [...] então nós viemo”⁶.

Zé de Moura era realmente um homem astuto, ciente da história e das necessidades, principalmente do seu sertão. Sabia muito bem da necessidade de mão de obra que havia em Triunfo, já que ocorria um aumento da produção agrícola. A indicação dos migrantes pombalenses sanava o problema de falta de lugar pra moradia deles, assim como resolveria o problema de escassez de trabalhadores enfrentado pelos produtores na época.

2.1 ZÉ DE MOURA: O MISTICISMO COMO REFERÊNCIA PARA O SERTANEJO

A presença do misticismo e dos curandeiros na vida do sertanejo é constante. No início do século XX, a distância entre os lugares tornava-se maior pela dificuldade que se tinha de transitar entre eles, o acesso à medicina

⁶ Entrevista realizada com o senhor Adalto Pereira da Silva, no dia 25 de agosto de 2011, na sua residência localizada à Rua Joaquim Teodoro, Triunfo-PB.

também era escasso, principalmente no interior, o que fazia a crença nos curandeiros e místicos crescer ainda mais, já que eles poderiam em potencial trazer o alívio para os males de um doente.

Um desses místicos, que surgiu como referencial para o interior da Paraíba no século XX foi Zé de Moura, que nascera na Vila do Poço, lugarejo muito próximo à Vila de Triunfo. A construção da imagem de Zé de Moura como místico ganhou mais força após a sua morte.

A proximidade contribuiu para que os triunfenses conhecessem e respeitassem seu Zé, procurando-o sempre que necessário. Dentre as muitas procuras feitas pelos triunfenses à Zé de Moura, aponto a busca de seu Valdivino, que morava na localidade de Triunfo, pela cura de seu filho Manoel, no ano de 1945 quando este houvera perdido a lucidez, caso esse bem conhecido na cidade.

No entanto, a fama de Zé de Moura não obedecia a limites geográficos, mantendo contatos também com os estados do Ceará e do Rio Grande do Norte, facilitados pela proximidade com a Paraíba. Para confirmar isso, no início da década de 1950, um grupo de pessoas veio da Fazenda Mãe D'água, na cidade de Pombal, a procura do místico na Vila do Poço. Estavam à procura de um lugar para morar. Foram guiados por Zé de Moura até a Vila de Triunfo, onde estabeleceram residência e vivem até hoje.

O conselheiro construiu a imagem de Triunfo para os migrantes como um lugar da esperança, um lugar propício para o início da construção de uma nova vida. Imagem essa tão bem construída, que eles não hesitaram em seguir o conselho do guia.

Zé de Moura nasceu na Vila do Poço, em 13 de Outubro de 1888, no mesmo ano em que a Princesa Isabel assinava a Lei Áurea, “libertando” os escravos do país.

Entre os anos de 1902 a 1905, foi para uma escola particular a cargo do velho professor Miguel Carlos Wanderley com quem realmente aprendeu as primeiras letras, logo cedo revelou forte

tendência para a prática de atos religiosos, vindo daí a tirar o novenário do mês mariano, tríduo, terço em casa de amigos e compadres de seus pais. (CARTAXO, 1975, p. 202)

Além da tendência religiosa, das aptidões para a política e para a cura de enfermos, Zé de Moura era exímio poeta, produzia poesias sertanejas, tendo como uma de suas diversões o Bumba Meu Boi.

A última diversão que ele fez parte, foi no centenário da cidade de Cajazeiras em 1964 para onde ele levou bem equipado o seu reisado, composto de Mateus Galantes, recitando poesias folclóricas e outras sobre o Pe. Inácio de Sousa Rolim. (CARTAXO, 1975, p. 203)

Aproximadamente com 25 anos, Zé de Moura dedicava-se a rezar cotidianamente. Diante de suas orações, começou a obter resultados surpreendentes curando doentes e aconselhando aqueles que o procuravam. Conseguiu notoriedade com seus feitos, agradou e desagradou, chegando a ser chamado de bruxo e de santo.

O rezador chegou a ser acusado de prática de charlatanismo pelo Padre Joaquim Cirilo de Sá (Pe. Sá), que houvera se desentendido com a família Moura por questões de limite de terra. Devido a essa denúncia, o velho místico foi preso entre os meses de janeiro e fevereiro de 1938. Sua reclusão durou pouco tempo.

Pois através do seu talentoso advogado Dr. Pinto, requereu de acordo com a Lei a soltura do velho ancião de 50 anos de idade; a partir desta data, passou o velho vários dias afastado de sua residência e de suas costumeiras orações voltando somente às mesmas, sem embaraço, a partir do ano de 1939, onde permaneceu até o final sempre visitado por muitas pessoas de diversas partes do país, que o procuravam a fim de obter cura, conselhos, etc. (CARTAXO, 1975, p. 20).

Zé de Moura possuía muitas qualificações atribuídas pelo povo e por autores que se dedicaram a estudar sua vida, como Rosilda Cartaxo e Francisca Fonseca: o místico, o feiticeiro, o adivinho, o santo. Tudo isso era reforçado pelas pessoas que procuravam seu auxílio e conseguiam o alívio para seus males. Entretanto, o rezador transferia para São Geraldo todos os seus feitos. Diante da pressão da Igreja sobre si, usando da sua astúcia, passou a doar recursos para seminários, conventos e a diocese. Ninguém duvidava das suas recomendações, pois apesar de ser um homem simples e quase analfabeto, sua inteligência era notória.

O rezador veio a falecer na manhã do dia 15 de Julho de 1966, depois de ter procurado auxílio médico quando estava doente.

Mesmo depois de morto, Zé de Moura continua a habitar o imaginário de muita gente. Sendo lembrado por muitos daqueles que o procuraram em busca de curas ou conselhos, como é o caso dos migrantes que vieram de Pombal para Triunfo. Estes até hoje contam com orgulho do conselho recebido por seu Zé em meados do século XX, enfatizando o quanto foi útil aquela indicação.

2.2 “OS QUARENTA”: CHEGADA DOS NEGROS A TRIUNFO

Guiados pelo místico Zé de Moura, os migrantes de Mãe d'Água resolveram a questão da escolha do lugar para reiniciar suas vidas. Agora restava voltar para casa, comunicar os outros a melhor decisão a ser tomada, e que após a dissensão ocorrida em Mãe d'Água, o melhor era começar a tomar as providências necessárias, já que se tratava de uma mudança coletiva. Mudança de grandes proporções. Afinal de contas, eram aproximadamente sete famílias que iriam migrar, ou seja, sair do seu “torrão” para começarem sua nova história, em um local desconhecido.

Ações como a venda de terras que possuíam em Pombal, assim como de animais e móveis de propriedade da família foram efetuadas, afinal de

contas o dinheiro adquirido era necessário para o estabelecimento no novo lugarejo.

Com as providências tomadas, era hora de sair em busca da nova morada. Aquele início da década de 1950 seria determinante para o destino de parte da família Pereira. No final de 1952 saíram aproximadamente quarenta negros em um caminhão, na época, cedido pela prefeitura de Pombal, rumando em direção à Triunfo.

Eles saíram de Pombal no final do ano, época não propícia para o plantio de acordo com a quadra invernososa sertaneja. Sendo assim, os migrantes fizeram uma parada na cidade de São José de Piranhas, também na Paraíba, onde trabalharam nas frentes de serviço, como nos mostra o historiador local José Valdenor Manguieira Lisboa em seu trabalho “O surgimento do negro e sua importância no desenvolvimento socioeconômico de Triunfo-PB” (1994).

Conscientes de que o período chuvoso começaria em Janeiro, sabedores também da abertura de frentes de serviço em São José de Piranhas, a comitiva resignada ao trabalho, decidiu seguir para Jatobá de Piranhas, onde trabalharam na construção de açudes e abertura de estradas durante os meses de novembro e dezembro. (LISBOA, 1994, p.04).

O trabalho em São José de Piranhas possibilitou ao grupo conseguir acumular mais recursos financeiros, o que facilitaria uma aquisição maior de terra no lugarejo de destino, já que pretendiam estabelecer moradia em Triunfo.

Com os contos de réis adquiridos durante a parada, após o início do ano, o que representava também o início do período propício para as práticas agrícolas, os migrantes rumaram para Triunfo chegando à nova casa em seis de Janeiro de 1953.

2.3 TRIUNFO, A NOVA CASA: ACOLHIDA E PRIMEIROS CONTATOS

Viajando todos em um caminhão, os negros adentram em terras triunfenses, e logo vão ser recebidos pelos moradores do lugarejo que já haviam sido avisados anteriormente por Zé de Moura.

Logo quando chegaram, ocorre o episódio que daria origem a denominação dada à família e que perdura até os dias atuais: “os Quarenta”. Como nos conta o senhor Aduino Pereira em uma de suas entrevistas: “[...] aí disse: para o carro aí! Aí paremo [...] quantas pessoa vem? Incluindo entre homi, mulher e minino vem quarenta”. E assim ficaram conhecidos em toda a localidade como negros dos Quarenta.⁷

Acolhidos pelos triunfenses, mais especificamente pelo senhor Joaquim Teodoro Lisboa, grande proprietário de terras em Triunfo e conhecido por todos no lugarejo. Joaquim já havia sido avisado da vinda dos migrantes de Pombal por meio de Zé de Moura, preparando-se para recebê-los.

Já aportados em solo triunfense, os chamados “negros” pelos habitantes locais tiveram que procurar um lugar para a moradia da família. Triunfo ainda não era município emancipado, pertencendo a São João do Rio do Peixe. Ao procurarem uma casa para alugar no lugarejo, não encontraram.

Diante dessa situação o senhor Hermenegildo, pertencente a uma família local tradicional, ofereceu uma residência de sua propriedade que se encontrava por hora desabitada, localizada no Sítio Gamelas, que era bem próxima do Triunfo. Assim nos conta o senhor Aduino sobre a nova moradia: Hermenegildo disse: tenho uma casa velha lá nas Gamelas, se vocês quiserem? [...] aí nós queremos, nós tamo sem casa, tem que arrumar, né [...] aí arrumemo essa casa lá, uma casa velha grande de taipa, passemos lá três ano,

⁷ Entrevista realizada com o senhor Aduino Pereira da Silva no dia 17/11/2011, na sua residência localizada à Rua Joaquim Teodoro, Triunfo-PB.

sete família numa casa só, aí depois que passamos três anos no fazendo, hoje todo mundo tem seu pedacinho na cidade.⁸

Viveram coletivamente durante os anos de 1953, 54 e 55, fato que nos relembra a moradia coletiva dos negros escravos nas senzalas de outrora. Mesmo com cautela para não ser anacrônica, arrisco-me em traçar esse paralelo.

Sem energia elétrica, que era comum na época, apelavam para a luz das lamparinas. Buscavam água de um poço localizado nas Gamelas, localidade em que haviam se arranchado, para suprir as suas necessidades. Na hora de dormir amontoavam-se como podiam. Eram sete famílias numa única casa de taipa armando suas redes, mas longe das querelas familiares. Era o início de uma nova vida.

Devidamente estabelecidos em Triunfo, procuraram adquirir um pedaço de terra com o dinheiro que conseguiram quando se desfizeram dos seus bens em Pombal, e o que adquiriram com o trabalho em São José de Piranhas. Da mesma forma que viveram por muito tempo coletivamente, adquiriram e faziam uso da sua terra também coletivamente. De acordo com o trabalho acima citado do historiador José Valdenor, para eles a terra era um bem comum, não havendo assim a necessidade de dividi-la. O rompimento familiar ocorrido em Mãe d'Água outrora se transformou agora em comunhão.

Com o seu pedaço de terra adquirido, os negros dos Quarenta dedicavam-se ao seu cultivo, ao mesmo tempo em que trabalhavam em parceria, ou nas terras arrendadas dos grandes proprietários locais. Trabalharam com determinação, até que conseguiram comprar um pedaço de terra na cidade para construir suas moradias.

Os homens emprestavam seus braços à agricultura, já as mulheres vindas ocupavam-se desde cedo ao trabalho doméstico nas casas de famílias. Ilsa Ilda da Conceição, filha de Olímpio Pereira da Silva e Ilda Maria da

⁸ Entrevista realizada com o senhor Adalto Pereira da Silva no dia 17/11/2011, na sua residência localizada à Rua Joaquim Teodoro, Triunfo-PB.

Conceição, ambos pertencentes ao grupo vindo de Pombal na década de 1950, nascida em Triunfo, me contou em entrevista que começou a trabalhar na casa de uma família triunfense aos nove anos de idade, ainda uma criança, morando nessa mesma casa dos nove aos vinte e três anos.

A família estabeleceu-se onde atualmente denomina-se de Rua Princesa Isabel, localizada em uma das extremidades da Zona Urbana do município. O logradouro logo passou a ser conhecido por Rua dos Morenos, o que também contribuiu na criação de uma identidade local para os Quarenta. Quando se falava na Rua Princesa Isabel, logo se relacionava com os “morenos” que viviam no local.

2.4 RELAÇÃO DOS “NEGROS DOS QUARENTA” COM A IGREJA: A BANDA CABAÇAL COMO PONTO DE ENCONTRO

Logo quando chegaram a Triunfo, a família teve contato com a Igreja matriz. No templo, encontraram alguns instrumentos abandonados, tratando logo de dar-lhes serventia. Quando chegaram à igrejainha como diz o senhor Adauto Pereira: “fomo pra lá, aí tinha três instrumentos: uma caixa, um bumba e um pífano, aí nós peguemo esses instrumentos e formemo uma banda: a Banda Cabaçal”.⁹

Foi a Igreja uma das portas de entrada dos negros na comunidade triunfense. A religiosidade fora um ponto de encontro entre os negros recém-chegados e grande parte dos moradores locais, destacando-se a comunidade católica.

Já com os instrumentos em mãos e a Banda formada, começaram a apresentar-se na igreja, dando prosseguimento a uma tradição herdada dos mais velhos quando residiam em Pombal. Segundo dizem os mais velhos, eles

⁹ Entrevista realizada com o senhor Adalto Pereira da Silva, no dia 17/11/2011, na sua residência localizada à Rua Joaquim Teodoro, Triunfo-PB.

aprenderam a arte de tocar observando as apresentações dos seus progenitores, nas festas do Rosário em Pombal, e em outras ocasiões.

A festa do padroeiro era o cenário propício para a apresentação da Banda recém-formada, pois congregava a religiosidade, ponto forte de grande parte da população triunfense, e a cultura trazida pelos negros dos Quarenta e colocada para todos.

O Senhor Adalto Pereira nos conta que a denominação de “Cabaçal” remete-se há tempos antigos: “Chama Cabaçal por que diz que essa Banda foi formada pelos índios [...] quando Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil, aí ficou os escravo, a escravidão no mundo né, as pessoas trabalhando pras pessoas [...] aí depois apareceu a Princesa Isabel que libertou os escravos, né, entonce os índios de alegria formaro essa Banda Cabaçal [...]”.¹⁰

Seu Adalto não estudou, é analfabeto e mal assina o seu nome. Segundo ele, naquela época os pais não colocavam os filhos na escola porque eles tinham que trabalhar. Mesmo assim, ele nos mostra que mesmo não tendo sido escravo, tem noção do contexto que fora estabelecido pela escravidão no Brasil e seus desdobramentos.

Escolhi o senhor Adalto Pereira da Silva, para entrevistá-lo como colaborador na minha pesquisa, devido a sua idade avançada e a lucidez do mesmo, sendo este um dos membros mais velhos ainda vivo da família. Ele vivenciou de perto a trajetória da família desde a procura por Zé de Moura, e, por conseguinte, a migração de Mãe d’Água para Triunfo, sendo detentor de uma memória privilegiada acerca da história de sua família. Ecléa Bosi nos dá um referencial sobre a memória dos velhos, na sua obra: “Memória e Sociedade: Lembranças dos Velhos” (1994).

¹⁰ Entrevista realizada com o senhor Adalto Pereira da Silva, no dia 17/11/2011, na sua residência localizada à Rua Joaquim Teodoro, Triunfo-PB.

Um verdadeiro teste para a hipótese psicossocial da memória encontra-se no estudo das lembranças das pessoas idosas. Nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida; elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e culturais igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem [...] (BOSI, 1994, p.60)

Seu Adalto conta e reconta a história da Banda, repetindo-a até no Quartel Militar em João Pessoa, quando da apresentação da Banda na Capital do Estado em 2005. Chegaram a apresentar-se até no Palácio do Governo do estado com incentivo do executivo municipal triunfense, bem como da secretaria de cultura também de Triunfo. Essa viagem para a Capital do estado, assim como a aceitação e reconhecimento do público, faz com que essa história seja contada e recontada por diversas vezes. Ele conta com detalhes a apresentação feita, mostrando o orgulho pelo reconhecimento da plateia que os assistiu. Sobre as apresentações da Banda fora de Triunfo, o historiador local José Valdenor aponta os rumos tomados pelos Quarenta.

A banda Cabaçal deixou de ter um caráter municipal e passou a apresentar-se no cenário cultural do Estado, através de convites para participar de festivais culturais, em Pombal, Patos e até Campina Grande, de onde trouxeram vários troféus, e deixaram o registro de sua cultura [...] (LISBOA, 1994, p.5).

A igreja, quando da chegada dos negros a Triunfo, apresentou-se como acolhedora destes. Foi lá que eles encontraram os instrumentos que começaram a usar na Banda Cabaçal, dando continuidade a tradição herdada dos seus progenitores, e que sempre se apresentava na Festa do Padroeiro Menino Deus. Tornaram-se devotos do “Menino”, expressando todo o seu respeito durante as apresentações.

A Banda Cabaçal tornou-se símbolo identitário da Festa do Menino Deus, incorporando-se às festividades desde o início da década de 1950. Os

Quarenta deram o seu toque à Festa, incorporando o seu ritmo: o ritmo da Banda Cabaçal.

A caixa, o bumba e o pífono encontrados na igreja foram símbolos do início das manifestações da cultura trazida pelos negros para Triunfo. Posteriormente, foi incorporada a Banda outros instrumentos, inclusive as lanças, que possuem aparência de maracás, cheias de fitas coloridas que encantaram e encantam as festas. Essas lanças passaram a ser fabricadas em Triunfo, sob os moldes que eles conheciam em Pombal.

Há quase seis décadas, a Procissão do Ramo realizada sempre no final das novenas do Menino Deus, é acompanhada solenemente pela Banda Cabaçal. Tal momento é esperado por todos os presentes na celebração, que entoam o hino de acolhida do ramo, que percorre toda a extensão da igreja matriz, desde a sua entrada principal até o altar.

Esse costume trazido pelos Quarenta constituiu uma reinvenção da Festa do Menino Deus, o costume religioso local modificou-se, trazendo para si uma nova caracterização, vinda pela variação da população local com a chegada dos Quarenta.

O ritual do novenário já cristalizado nas mentes da população religiosa local passou a ser composto por mais um elemento: a Banda Cabaçal, que com o passar do tempo viria a se tornar elemento fixo dessa tradição, concretizando assim a recriação da Festa ocorrida desde a chegada dos Quarenta a Triunfo. A tradição passa por uma recriação, e todo esse processo se dá como uma reação a uma situação nova, nesse caso, a chegada dos migrantes pombalenses a Triunfo.

A família Pereira da Silva sempre teve ligação com a igreja, desde a sua chegada à Triunfo, sendo homenageado nas festas do mês mariano e na festa do Menino Deus, onde se reconhece que ela passou a ser uma família triunfense. Eles sempre se esforçaram em arrecadar contribuições para serem colocadas no envelope do seu noitário.

A religião católica faz parte da família Pereira, tanto que logo na chegada do novo pároco da cidade, o Pe. José de Andrade, ocorrida em meados de 2011, ele foi logo procurado pelo senhor Adalto Pereira da Silva, que tratou de apresentar ao Pe. recém chegado a tradição da sua família: “ói padre, o senhor chegou agora, nós temo uma diversão muito boa do Menino Deus, nós tocamos na novena do Menino Deus, são nove noite de novena, é nove noite que a gente toca[...]”.¹¹

Isso nos mostra a preocupação dos Quarenta com a manutenção da cultura trazida por eles e incorporada à Festa desde a década de 1950, o que também caracteriza a construção da identidade da família Pereira dentro da sociedade triunfense. A continuidade da Banda dentro do novenário possibilita a manutenção de sua identidade.

Banda Cabaçal¹²



¹¹ Entrevista realizada com o senhor Adauto Pereira da Silva, no dia 25/08/2011, na sua residência localizada à Rua Joaquim Teodoro, Triunfo-PB.

¹² Fotografias cedidas pelo historiador local Antônio Aurélio Cassiano de Andrade. Foto formação Antiga sem data definida. Foto atual feita no altar da igreja matriz em dezembro de 2011, no final da novena do Menino Deus.

2.5 A CULTURA COMO MEIO DE INSERÇÃO NA SOCIEDADE

Chegando a Triunfo, os “negros de Pombal” foram peças determinantes na disseminação da sua cultura, tratando logo de apresentá-la a comunidade, que a acolheu e trouxe suas manifestações para compor o quadro cultural/religioso local. A cultura da banda Cabaçal incorporada à Festa do Padroeiro, funcionou como um elo entre a comunidade dos Quarenta, estabelecida na cidade e a sociedade triunfense, que passou a encará-los como produtores de uma cultura que se tornara identitária da cidade.

Essa intensa ligação dos Quarenta com a igreja, nos traz alguns personagens que delineiam a identidade dos negros dos Quarenta quando se estabeleceram em Triunfo.

Quando se trata do assunto de pedir contribuições para a igreja, colaborando com o noitário da família Pereira, não posso deixar de trazer a figura do Sr. Nozinho, que saía pelas ruas da cidade sempre dedicado a angariar recursos para contribuir com a Igreja. Ele contribuiu para a construção do Triunfo como lugar do sagrado. Tendo sua imagem criada diante da população triunfense como dedicado colaborador, tornando-se conhecido por muitos.

Continuando a tratar da relação entre os negros dos Quarenta e a igreja, também não posso deixar de citar o Senhor Aprígio Pereira da Silva, que teve laços estreitos com os clérigos da localidade, chegando a ser sacristão da mesma durante vários anos, além de participar ativamente da Irmandade de São Vicente de Paula na Igreja Matriz.

O Senhor Aprígio Pereira da Silva, natural da cidade de Pombal, veio junto com a sua família para Triunfo em 1953, sendo um dos “quarenta” que aqui chegaram. Nascido no dia 15 de maio de 1912 em Pombal, Aprígio era filho de José Pereira da Silva e Maria Eugênia da Conceição, a matriarca da família quando da vinda deles para Triunfo.

Chegando a Triunfo, conseguiu ser um participante ativo na comunidade triunfense. Foi sacristão da Igreja do Menino Deus durante anos, tornando-se uma figura popular entre as pessoas que a frequentavam. Ficou durante muito tempo exercendo a função de tocar o sino da igreja, símbolo tradicional do catolicismo. E depois da velhice, transferiu essa função ao seu filho que até hoje a exerce.

Quando os Quarenta chegaram a Triunfo, ainda não havia ocorrido o processo de emancipação política da cidade. Diante da busca dos triunfenses pela sua emancipação política, ficou registrado como um dos marcos uma reunião que ocorrera na casa do senhor Joaquim Moreira e Silva, grande proprietário de terras, homem ilustre na época, no dia 30 de agosto de 1959, que definia os limites geográficos do novo município que seria emancipado. No final dessa reunião fora lavrada uma Ata contendo o nome de todos os presentes, e entre eles estava o nome do senhor Aprígio Pereira da Silva, representante da família Pereira, como participante da reunião que marcaria a história do lugar que eles escolheram para viver.

Seu Aprígio, como era conhecido, veio a falecer no dia 27 de maio de 2011, aos noventa e nove anos de idade, na sua própria residência no município de Triunfo, deixando a sua presença na memória de muitos.

A sua presença na igreja era cativa, acompanhava de perto a programação religiosa local, demonstrando uma imensa religiosidade.

A família Pereira atualmente é conhecida pela sociedade triunfense. Eles conseguiram mostrar que vieram em busca de um lugar pra morar. Um lugar que pudesse lhes proporcionar a paz que eles não conseguiam mais obter em Pombal.

CAPÍTULO III

OS QUARENTA ATUALMENTE

Hoje, grande parte dos Quarenta ainda reside na Rua Princesa Isabel principalmente os mais velhos, local onde compraram o seu pedaço de terra e se instalaram na cidade ainda em fins do século XX.

Outra parte significativa da família reside na Rua Joaquim Teodoro, local onde mora o senhor Adalto Pereira da Silva, um dos membros mais velhos da família, e onde se realiza a concentração da Banda Cabaçal antes de suas apresentações. São nas proximidades da residência do Sr. Adalto, que também se realizam as reuniões do grupo. O restante da família que permaneceu na cidade encontra-se espalhado por outros bairros.

Mas o local da cidade que se identifica com os Quarenta é sem dúvida a Rua Princesa Isabel, que não recebeu essa denominação por acaso: o nome Princesa Isabel refere-se à época da abolição da escravidão. Além de ser o primeiro lugar de morada na cidade de grande parte da família Pereira, pode-se lá encontrar uma homenagem feita pelo poder público municipal triunfense aos Quarenta.

No dia 22 de dezembro de 2008 foi inaugurada na Rua Princesa Isabel uma praça em homenagem aos Quarenta pelo líder do executivo municipal na época: Damísio Mangueira da Silva. A placa exposta na Praça contém o seguinte dizer: “Homenagem aos 40 homens e mulheres que há 50 anos chegaram a Triunfo, oriundos de um Quilombo de Pombal-PB. Trouxeram além da esperança de uma vida mais tranquila as suas contribuições para o engrandecimento econômico, social e cultural do povo triunfense”.

A “Praça dos 40” como é conhecida, é uma homenagem à cultura dos migrantes pombalenses que aqui chegaram. Nela se encontram estátuas em tamanho real de homens jogando capoeira, prática que fora desenvolvida pelos negros como um meio de defesa diante de qualquer tipo de ameaça a eles

imposta. No local encontram-se também o nome de todos os quarenta negros que migraram de Pombal para Triunfo em 1953. Um monumento edificado em homenagem aos “negros dos Quarenta”.

Esta lista contendo os nomes dos “Quarenta” que chegaram à Triunfo em 1953 encontra-se exposta na sede da Associação dos Quilombolas, localizada à Rua Princesa Isabel.

01	ADALTO PEREIRA DA SILVA
02	ANA MARIA DA CONCEIÇÃO
03	ANATILDE PEREIRA (TIDINHA)
04	ANTONIO IVAN DA SILVA
05	APRÍGIO PEREIRA DA SILVA
06	CÍCERO PEREIRA DA SILVA
07	DONÁRIA PEREIRA DA SILVA
08	FLORÊNCIO PEREIRA DA SILVA
09	FRANCISCA ILDA DA CONCEIÇÃO (TICA)
10	FRANCISCA IVAN DA SILVA (NININHA)
11	FRANCISCA LOPES DA SILVA (ATA)
12	FRANCISCA LOPES DA SILVA (TINDÓ)
13	FRANCISCO IVAN DA SILVA
14	FRANCISCO OLINTO DA SILVA
15	FRANCISCO PEREIRA DA SILVA
16	GERÔNIMO IVAN DA SILVA
17	ILDA MARIA DA CONCEIÇÃO
18	JOANA MARIA DA CONCEIÇÃO
19	JOÃO IVAN DA SILVA
20	JOÃO PEREIRA DA SILVA (SEU DOCA)
21	JOSÉ AMÉRICO LOPES DA SILVA
22	JOSÉ IVAN
23	JOSÉ OLINTO DA SILVA
24	JOSÉ PEREIRA DA SILVA
25	MANOEL IVAN
26	MARCELINA MARIA DA CONCEIÇÃO
27	MARIA ANINHA DA SILVA
28	MARIA DA CONCEIÇÃO PEREIRA DA SILVA
29	CELINA MARIA
30	MARIA EUGÊNIA DA CONCEIÇÃO (MATRIARCA)
31	MARIA ILDA DA CONCEIÇÃO
32	MARIA IVAN DA SILVA
33	NICOLAU IVAN
34	NOEL PEREIRA DA SILVA
35	OLINTO PEREIRA DA SILVA
36	RILDO PEREIRA DA SILVA

37	RITA MARIA DA CONCEIÇÃO
38	SIMÃO LOPES DA SILVA
39	UMBELINA PEREIRA DA SILVA
40	ZUMIRA PEREIRA DA SILVA

Muitos dos “Quarenta” já morreram, outros continuam a morar em Triunfo. Após 1953, outros membros da família Pereira da Silva e Lopes seguiram os passos dos migrantes. Hoje, “Os Quarenta” não são mais quarenta. A família cresceu em Triunfo, espalhando-se também por outras regiões, muitas vezes com a mesma máxima de seus progenitores: a busca por um lugar melhor para se viver.

Dos quarenta citados acima, vale ressaltar que um deles, Gerônimo Ivan da Silva, não absorveu para si a construção de que Triunfo seria o lugar propício para reconstruir sua vida. Segundo Seu Adalto, em uma de suas entrevistas, Gerônimo saiu da cidade há aproximadamente trinta anos, e até hoje não se sabe seu paradeiro, se está vivo ou morto.

Dona Maria Eugênia, matriarca dos Quarenta – Senhor Adalto Pereira, um dos membros mais velhos ainda vivo atualmente.¹³



3.2 BANDA CABAÇAL: UMA ANÁLISE ATUAL

Durante mais de meio século a Banda Cabaçal foi um grande elemento constituinte da identidade dos Quarenta em Triunfo. Com o seu ritmo envolvente, a Banda se tornou símbolo da principal festa religiosa local e chega aos dias atuais com a necessidade de cobrar das famílias pelas suas apresentações no novenário do Deus Menino.

Quando começaram a apresentar-se na festa do padroeiro, em meados da década de 1950, os músicos da Banda Cabaçal passaram a receber ofertas daqueles que assistiam a suas apresentações. Tradicionalmente, colocavam as

¹³ Fotografia de Dona Maria Eugênia cedida pelo historiador local Antônio Aurélio Cassiano de Andrade. Fotografia do senhor Adalto Pereira feita por mim no dia 26/03/2013.

suas lanças cheias de fitas coloridas sobre os ombros dos espectadores, que se sentiam “convidados” a colaborar em reconhecimento a apresentação da Banda.

Assim nos diz o senhor Aduino Pereira em uma de suas entrevistas: “Aquilo ali, aquelas lanças ali, é pra receber uns presentim, né, um agrado [...], quando nós chegemo aqui o povo agradava, mas agora num dá mais de jeito nenhum [...] hoje o povo é tão sabido, num dão mais não”.¹⁴

Ele refere-se à época em que era comum os devotos darem o “agrado” a Banda, bons tempos em que eles apresentavam sua tradição e ainda iam para suas casas com os bolsos cheios, sentindo-se importantes diante da sociedade triunfense. As décadas foram passando-se, e os “agradados” escasseando-se cada vez mais, até chegar ao ponto de nos dias atuais serem quase nulos.

Já passadas praticamente seis décadas da formação da Banda Cabaçal pelos “negros em Triunfo”, com os “agradados” praticamente inexistentes, os membros da Banda cobram atualmente uma taxa de aproximadamente R\$150,00 (cento e cinquenta reais) por cada apresentação na novena do Menino Deus, acompanhando a procissão do ramo, dinheiro esse que é dividido entre os membros da Banda, que conta com um número que varia entre 10 e 15 músicos que se apresentam por noite.

Esse pagamento é feito pelas famílias que são responsáveis por cada noite de novena, dele depende a continuidade da tradicional apresentação da banda na noite de novena dedicada a sua família. Nas noites em que não há pagamento, a Banda não se apresenta. É essa a atual situação da Banda Cabaçal em Triunfo, o que outrora servira como grande elemento de constituição da identidade dos Quarenta, hoje necessita do pagamento das famílias da cidade para continuar a manter-se.

Essa situação cria um quadro de dupla visão, onde ao mesmo tempo são erguidos monumentos e feitas homenagens aos negros dos Quarenta, e a

¹⁴ Entrevista realizada com o senhor Aduino Pereira no dia 17/11/2011, na sua residência, localizada à Rus Joaquim Teodoro, Triunfo-PB.

Banda Cabaçal, símbolo da construção da identidade deles na cidade se encontra nessa situação.

Não se pode negá-los hoje, isso representaria deslegitimar a própria construção histórica da cidade. Mas, ao mesmo tempo eles estão perdendo a importância física, presencial, que tiveram outrora, mesmo já estando inseridos na história.

A formação da Banda em meados do século XX, quando se iniciaram as apresentações se dava apenas com integrantes da família dos Quarenta. Os mais velhos foram morrendo e levando consigo o entusiasmo em tocar a Banda Cabaçal. Coube aos remanescentes mais velhos, a tarefa de instruir os mais jovens sobre a tradição do seu povo.

Com as dificuldades enfrentadas para encontrar membros da família dispostos a dar continuidade à tradição ela é ressignificada. Não é mais necessário pertencer à família ou ser negro para fazer parte da Banda.

A partir dessa ressignificação da Banda foram convidadas outras pessoas não pertencentes aos Quarenta, e que demonstravam interesse e talento musical para compor a Banda. Hoje, misturam-se brancos e negros, familiares e não familiares dos Quarenta. Foram essas recriações e reapropriações que permitiram a Banda Cabaçal transpor mais de meio século de apresentações.

Atualmente, algumas crianças e adolescentes, descendentes e não descendentes dos Quarenta, participam da Banda, conduzindo as lancinhas, ou com outros instrumentos, reforçando a construção identitária dos Quarenta, mostrando que a Banda Cabaçal pode ter uma continuidade ao longo deste século.

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. (HOBBSAWN & RANGER, 1984, P.9)

A tradição da Banda que singulariza os Quarenta dentro da cidade de Triunfo, e que foi elemento determinante em uma das recriações da Festa do padroeiro – maior festa religiosa da cidade – foi uma invenção que surgiu como uma reação a uma nova situação que houvera sido instalada, no caso a vinda dos Quarenta de Pombal para Triunfo.

Após a chegada dos Quarenta a Triunfo, instalou-se uma nova situação no lugarejo, a população modificou-se etnicamente com a chegada coletiva dos negros, que com a sua cultura, “inventaram” uma nova tradição que foi construída ressignificando a tradição religiosa local já existente.

O elemento que serviu como molde para a recriação da tradição da Banda Cabaçal em Triunfo foi a observação da tradição dos seus progenitores em Pombal. Eles formavam uma Banda com traços semelhantes, e tocavam nas festas do Rosário e em outros momentos. Pela observação dessa manifestação, os negros que vieram para Triunfo recriaram essa tradição e começaram a reproduzi-la na nova cidade.

3.3 ASSOCIAÇÃO DOS QUILOMBOLAS: TENTATIVA DE CONSTITUIÇÃO DE UMA NOVA IDENTIDADE PARA “OS QUARENTA” EM TRIUNFO - PB

Desde que chegaram a Triunfo, em 1953, os Quarenta, construíram uma identidade voltada para a religiosidade. Com a formação da Banda Cabaçal acentuaram-se ainda mais os vínculos dos negros com a Igreja local, reforçando assim a sua identidade religiosa.

Durante mais de meio século, os Quarenta mantinham na Banda Cabaçal, o seu maior instrumento identitário dentro da cidade de Triunfo, e até fora dela. No entanto, com as novas gerações, vieram também as novas ideias, e a busca pela consecução de velhas necessidades.

Diante do surgimento da ideia de terem sido eles remanescentes de um quilombo localizado em Pombal na Paraíba, mais especificamente na

comunidade de Mãe d'Água, local de origem da família Pereira, houve a iniciativa de se criar um órgão que regulamentasse essa origem quilombola dos Quarenta. Associação que deveria lutar também pelo atendimento de suas reivindicações.

A comunidade afrodescendente estabelecida em Triunfo desde a década de 1950 vem manifestando atualmente o desejo concreto de criar um órgão institucional, voltado diretamente para a defesa os direitos dos mesmos.

A Associação Comunitária dos Quilombolas do município de Triunfo-PB, constitui-se de uma entidade civil de direito privado, sem fins lucrativos ou econômicos, orientada independentemente de partidos políticos e de órgãos governamentais. De acordo com o seu Estatuto não faz discriminação alguma de cor, raça, orientação sexual e gênero, nacionalidade, profissão, credo religioso ou convicção política.

O Estatuto da Associação prevê como objetivo principal, a defesa dos direitos e interesses das pessoas remanescentes de quilombos no município de Triunfo-PB. Mais especificamente, se busca entre outras coisas, estimular o manejo sustentado dos territórios dos quilombolas, além de defender oficialmente as reivindicações dos quilombolas junto às autoridades municipais, estaduais e federais.

Por ser um importante instrumento de luta em defesa dos direitos dos quilombolas, a Associação prevê, de acordo com o seu Estatuto, em seu Art. 4º, item "g": "promover convênios com Universidades, Institutos de Pesquisa e Organizações Não-Governamentais para a elaboração de estudos de interesse das associações e comunidades quilombolas".

As pesquisas resultantes desses convênios possibilitarão aos descendentes de quilombolas, um conhecimento mais amplo da sua causa, além de conseguirem material de estudo para a divulgação da sua história.

Um dos objetivos específicos da Associação enfatiza justamente a divulgação da luta dos quilombolas para a opinião pública, como também a valorização, promoção, estímulo e divulgação das tradições, cultura e

religiosidade afro-brasileira, das comunidades quilombolas, reconstruindo a história das populações negras.

A valorização da cultura aparece como importante ponto de preservação e resgate, promovido pelos próprios negros, vendo a importância de se buscar nas suas origens elementos que possam servir de base para a constituição de sua identidade atualmente.

As ações previstas pela Associação dos Quilombolas visam a luta contra todo e qualquer tipo de preconceito e discriminação racial, buscando sempre a igualdade de direito de todos.

Hoje, os Quarenta buscam o reconhecimento de todos como quilombolas, tentando despertar a opinião pública local para a defesa dos interesses da comunidade, buscando assim a constituição de uma nova identidade que não seja pautada somente na religiosidade e na Banda Cabaçal e que continuarão a ser elementos importantes na formação dessa nova identidade.

O Estatuto da Associação dos Quilombolas de Triunfo-PB fora formulado no dia dez de junho de dois mil e dez, mostrando que a busca por essa institucionalização já se arrasta há alguns anos. A inauguração da sede da Associação deu-se no dia vinte e oito de fevereiro do corrente ano, quase três anos após a elaboração do seu Estatuto. Na sede da Associação encontra-se uma espécie de museu com artefatos que remetem à época da escravidão, como instrumentos de tortura e utensílios domésticos.

No entanto, mesmo contendo Estatuto elaborado e sede, a Associação dos Quilombolas de Triunfo, ainda não possui CNPJ (Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica), nem registro em Cartório, o que denota a Associação até então, um sentido não oficial.

Praça Dos 40 – Associação dos Quilombolas¹⁵



¹⁵ Fotos extraídas de: <http://radarpb.com.br/portal/associacao-dos-quilombolas-de-triunfo-inaugura-sua-sede/>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a minha pesquisa foi ficando cada vez mais claro que a construção histórico/religiosa do município de Triunfo-PB tem suas raízes interligadas com o mítico. Tendo como importante ponto a construção imagética dada através de uma promessa e do seu autor: o Caboclo Manoel Bernardo.

A cultura local, representada pela festa do Menino Deus constituiu-se como um instrumento de inserção da comunidade negra dos Quarenta na cidade, que por meio dela, conseguiram reconstruir suas tradições, ressignificando a cultura local, que incorporou para si a tradição dos migrantes.

O processo de produção cultural é dinâmico, e no decorrer constituem-se identidades. Foi essa cultura em movimento segundo DEL PRIORE e VENÂNCIO (2004, S/p) que manteve a força da sobrevivência, da resistência, e do renascimento de indivíduos que foram arrancados da terra de seus ancestrais. Foi a vontade de viver e de criar que levou os negros, mesmo sofrendo grande violência durante o período colonial e imperial, e mesmo nos dias atuais, a usar os reencontros e mestiçagens, para construírem novas e plurais formas de cultura e de identidades.

O professor Thorton¹⁶ afirma que as condições de escravidão por piores que fossem não aniquilaram o potencial para manter e transmitir cultura. Houve por muito tempo na história o tráfico de negros, que não constituíam um simples objeto de compra e venda, afinal de contas, tratava-se de homens e mulheres portadores de ideias, de valores, de saberes, de religiões e de tradições.

A comunidade dos Quarenta, remanescentes de um quilombo da cidade de Pombal na Paraíba, nos mostrou que o seu potencial de recriar e transmitir cultura foi eficaz. Sua incorporação à tradição local que lhes possibilitou a

¹⁶ THORNTON, John, **África e os africanos na formação do mundo atlântico, 1400-1800**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

construção da sua identidade na cidade, fora de suma importância para o grupo no decorrer de seis décadas.

Se tratando do grupo dos Quarenta atualmente, concluímos que a sua tradição na cidade já está cristalizada, passando por várias ressignificações que não permitiram a perda dos seus costumes.

No entanto, trazemos a discussão da contradição encontrada na atualidade. Um quadro ambíguo é traçado, onde ao mesmo tempo em que se erguem monumentos em homenagem aos Quarenta, a presença física da Banda Cabaçal é desprestigiada por alguns. O reconhecimento de outrora não existe mais, sendo eles obrigados a cobrar pelas apresentações.

Vale salientar que após seis décadas em Triunfo, o grupo dos Quarenta busca a constituição de uma nova identidade por meio da Associação dos Quilombolas, mostrando que possuem capacidade de organização para reivindicar seus direitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Martha. **O Império do Divino: Festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999.

ANDRADE, Antônio Aurélio Cassiano (org.). **Triunfo em Picadas: e o fim da Confederação do Equador.** Campina Grande: EDUFPG, 2008.

DEL PRIORE, Mary e VENÂNCIO, Renato Pinto. **Ancestrais: uma introdução à história da África Atlântica.** Rio de Janeiro: Elsevier; 2004.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal.** 49 ed. São Paulo: Global, 2004.

HOBBSBAWM, Eric & RANGER, Terence (orgs.). **A Invenção das Tradições.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: **História e Memória.** Tradução de Bernardo Leitão. 3 ed. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1994.

LISBOA, José Valdenor Manguiera. **O Surgimento do negro e sua importância no desenvolvimento socioeconômico de Triunfo - PB.** Trabalho de Monografia de conclusão de curso de Licenciatura Plena em História. Cajazeiras, UFPB, 1994.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom e HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar.** São Paulo: Contexto, 2007.

MORAES FILHO, Melo. **Festas e Tradições Populares no Brasil.** Com prefácio de Sílvio Romero. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002.

SEIXAS, Wilson Nóbrega. **O Velho Arraial de Piranhas.** João Pessoa: Gráfica A Imprensa, 1961.

THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THORNTON, Jonh Kelly. **A África e os africanos na formação do mundo Atlântico, 1400-1800**: tradução de Marisa Rocha Mota. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

Revista Comemorativa aos 50 anos de Triunfo-PB. Edição de Emancipação Política, publicada em dezembro de 2011.

<http://radarpb.com.br/portal/associacao-dos-quilombolas-de-triunfo-inaugura-sua-sede/>, visitado em 05 de março de 2013.

<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/link.php?codmun=251680>, visitado em 27 de março de 2013.